

TESE AO XXXIV CONGRESSO ESTADUAL DOS PETROLEIROS DO CEARÁ E PIAUÍ

A atual situação política, econômica e social que se manifesta em várias partes do mundo atingiu níveis que obrigam a organização dos trabalhadores a ser tão qualificada quanto possível para enfrentar os cenários mais adversos que as circunstâncias atuais impõem ao seu desenvolvimento. Devido a esta conjuntura, é necessário maior celeridade na análise científica da realidade concreta em que vivemos, o que nos dará maior quantidade de elementos para compreender corretamente os fenômenos sociais que se manifestam, gerando as respostas para a obtenção do apoio das grandes massas na luta contra o capitalismo, e potencializando a capacidade de reunir forças na luta contra o inimigo imperialista.

A exacerbação das contradições inerentes ao sistema capitalista imperialista intensifica a crise geral das estruturas e superestruturas, econômica, política e social, afetando milhões de trabalhadores, os países dependentes, os povos e nações oprimidos, inclusive aprofundando a destruição do meio ambiente.

A anarquia da produção, a concorrência entre os monopólios e potências imperialistas, o crescimento excessivo da dívida externa, as relações comerciais desiguais, a guerra comercial interimperialista, o saqueio dos recursos naturais e a apropriação pela burguesia da mais-valia gerada por milhões de trabalhadores, as medidas unilaterais dos EUA , o desenvolvimento acelerado da ciência e tecnologia, principalmente em campos como a internet, a robótica e inteligência artificial, anunciam o surgimento de uma nova crise econômica, que será de proporções ainda maiores que a de 2008, impactando seriamente as relações políticas e sociais.

A depredação da natureza e a deterioração do meio ambiente, as mudanças climáticas provocadas pela exploração e a pilhagem irracional dos recursos naturais pelos monopólios capitalistas e pelos países imperialistas estão constantemente se intensificando.

Toma corpo o cenário de confronto entre as potências, o surgimento e a propagação em todos os continentes e regiões dos preparativos para a guerra, o desenvolvimento da corrida armamentista que envolve todos os países, a militarização da economia e da sociedade no sentido de uma nova partilha do mundo. A disputa militar entre os países imperialistas, principalmente entre os EUA e Rússia, OTAN e China é expressa em conflitos armados que afligem a população no Oriente Médio e África e atacam conflitos em outras partes do planeta. A agressão econômica e

TESE AO XXXIV CONGRESSO ESTADUAL DOS PETROLEIROS DO CEARÁ E PIAUÍ

política dos EUA contra o Irã, atenta contra a soberania do país e os interesses e direitos de seu povo. No Iêmen, os interesses econômicos e políticos da Arábia Saudita são responsáveis, juntamente com o apoio dos EUA pelo genocídio que devasta aquele país.

As lutas interimperialistas também são expressas na guerra comercial entre a China e os Estados Unidos, na disputa por mercados e áreas estratégicas, com a intensificação de uma agressiva incursão de investimentos chineses em todos os continentes.

As potências aumentam sua interferência em todos os países dependentes, promovem o extrativismo, saqueiam os recursos naturais ao mesmo tempo que intensificam a opressão. A natureza do imperialismo é expressa em agressão e rapinagem da riqueza das nações subjugadas e dos lucros produzidos pela super exploração. Nenhum país imperialista é amigo dos povos.

Dezenas de milhares de homens, mulheres e crianças que fogem de seus países devastados pela guerra, da repressão de seus governos e da miséria, e que procuram oportunidades de sobrevivência, são atacados pelas políticas racistas e xenofóbicas do imperialismo e da reação.

O povo da Palestina resiste heroicamente à brutal agressão yanque e sionista israelense que assassina milhares de civis. A luta destes povos em defesa de sua soberania e da própria vida, recebe a solidariedade e o apoio das forças progressistas do mundo.

No Haiti, movimentos populares de massa lutam contra a gestão do atual presidente Jovenel Moïse, empresário exportador de bananas, cultura historicamente ligada à exploração do povo haitiano. Os violentos protestos realizados encorajam a luta contra os efeitos da inflação e os altos índices de desemprego.

Na Venezuela as forças imperialistas do bloco EUA-UE deixaram claro sua intenção de recorrer a uma intervenção com o uso de forças mercenárias. Para o financiamento do golpe, a administração Trump já roubou mais de 20 bilhões de dólares do povo venezuelano e tenta impor um governo títere na pessoa de Juan Guaidó. Processo semelhante ocorreu na Líbia, cujos

TESE AO XXXIV CONGRESSO ESTADUAL DOS PETROLEIROS DO CEARÁ E PIAUÍ

elementos de transição atenderam prontamente aos interesses das multinacionais e do capital financeiro em sua ganância por lucros.

No Brasil, o governo Bolsonaro assume o comprometimento com as pautas políticas mais reacionárias no que diz respeito à perseguição ideológica e supressão das liberdades de imprensa e sindicais, além de ameaçar os povos indígenas. No campo econômico, abraça a exemplo do que ocorre na argentina com Macri, as pautas neoliberais, porém com um servilismo aos interesses estrangeiros nunca visto antes por parte de um presidente eleito. Bolsonaro humilha constantemente os brasileiros com sua política exterior ao passo que acelera a agenda de entrega dos recursos naturais do país, com o respaldo e acompanhamento dos militares de alta patente das Forças Armadas do Brasil. O comprometimento de Bolsonaro e dos generais que fazem parte do seu governo é com o capital financeiro na garantia da ampliação dos lucros dos bancos nesse período de crise, enquanto a população é quem deve arcar com as consequências da concentração das riquezas nas mãos das elites. A destruição da previdência e a privatização da Petrobrás estão entre as prioridades de Mourão, Bolsonaro e Guedes.,

O governo Trump nos EUA e a eleição de Bolsonaro no Brasil atestam o fracasso do reformismo social, da democracia burguesa e das políticas da social democracia. Com o propósito de afirmar e fortalecer sua dominação a burguesia recorre cada vez mais a políticas nacionalistas reacionárias e à implantação de regimes ultra-direitistas, autoritários e fascistas, que estão sendo confrontados pela classe trabalhadora, pela juventude, pelos povos, enfim, por consideráveis setores democráticos que defendem a liberdade, a democracia e os direitos humanos.

As políticas e ações dos monopólios e da burguesia contra a classe trabalhadora, o povo, a juventude e nações oprimidas são expressas em todo o planeta. Entretanto, a resposta popular tem sido uma constante. Em vários países e em todos os continentes são organizadas greves combativas e mobilizações de trabalhadores contra a flexibilização das leis trabalhistas, o alto custo de vida, o alto preço dos alugueis e novos impostos. O movimento de mulheres vem assumindo destacado papel contra a opressão e a discriminação e realizando expressivas movimentações, principalmente no 8 de março, Dia Internacional da Mulher.

TESE AO XXXIV CONGRESSO ESTADUAL DOS PETROLEIROS DO CEARÁ E PIAUÍ

Essas manifestações dos movimentos operário e popular tiveram um avanço importante, mas ainda assim estão dispersas e isoladas em nível internacional. Constituem, no entanto, a expressão de que as forças da revolução social, o movimento operário, o campesinato pobre, os jovens, as mulheres, os povos e nações oprimidos têm potencial e afirmam a perspectiva do desenvolvimento do movimento revolucionário dos trabalhadores.

A oposição à guerra imperialista, ao neocolonialismo, às guerras de agressão, à corrida armamentista e ao fascismo deve ser assumida pelos trabalhadores e pela juventude, juntamente com a luta em defesa da paz e dos direitos políticos e sindicais, envolvendo amplos setores democráticos, como uma bandeira única, no cumprimento do internacionalismo proletário, manifesto através da construção de uma frente democrática a níveis nacional e internacional na luta contra o capitalismo e pela revolução socialista

OS COLETES AMARELOS

Desde o dia 17 de novembro de 2018, dezenas de milhares de pessoas vem realizando intensas mobilizações, ocupando rodovias e bloqueando avenidas todos os sábados em Paris e outras cidades da França, inclusive na Ilha da Reunião, uma das colônias do imperialismo francês.

As imagens dos violentos confrontos dos quais participam centenas de "coletes amarelos" atacando os ricos distritos de Paris e gritando "Macron renúncia!", têm sido divulgadas para o mundo todo. O movimento ganhou simpatia tanto na França como em outros países europeus e também levantou questões sobre sua natureza, objetivos e perspectivas.

O movimento dos coletes amarelos na França, significa a entrada na luta social de novos setores das massas populares, provenientes das áreas rurais e da periferia das cidades. São setores da pequena burguesia, trabalhadores principalmente de pequenas empresas, operários não organizados e autônomos.

Essas camadas são vítimas das consequências das políticas neoliberais desenvolvidas durante anos pelos governos de direita e pelos social-democratas, agravadas e expandidas por Macron como a liquidação de

TESE AO XXXIV CONGRESSO ESTADUAL DOS PETROLEIROS DO CEARÁ E PIAUÍ

serviços públicos, como o transporte, da proteção social e o contínuo aumento dos impostos e preços dos produtos de necessidade básica, electricidade, gás etc. Além disso, Macron e seu governo transferiram bilhões em recursos públicos para grandes empresas, reduzindo os impostos cobrados dos ricos e a taxação das grandes fortunas. É por isso que Macron é amplamente definido como o presidente das elites e tem reprimido com truculência as manifestações, sobretudo quando estas ocorrem em bairros burgueses. Todos os sábados milhares de policiais nas ruas tem arrastado ao cárceres centenas de manifestantes, provocando o aumento na radicalização dos elementos mais conscientes dos coletes amarelos.

Devido em grande parte à sua composição social heterogênea, os coletes amarelos tem permanecido à margem do movimento sindical organizado, que vem lutando há anos contra as políticas neoliberais dos governos no poder. Essa postura é estimulada pelas forças reacionárias que atuam dentro do movimento, sendo expressa por um "apolitismo" declarado e em uma rejeição às organizações sindicais. Porém, os coletes amarelos, pelo menos os setores proletários e populares envolvidos, são permeáveis às demandas do movimento operário e popular. Por esse motivo há demandas nas plataformas de reivindicação que estão próximas aos anseios dos trabalhadores, como o aumento do salário mínimo, programas de assistência social e impostos mais altos para as camadas abastadas. Naturalmente, há outras demandas que correspondem aos interesses dos pequenos empresários e algumas de natureza reacionária, especialmente na questão dos imigrantes e refugiados.

O movimento dos coletes amarelos está gerando medo na burguesia, pelo caos econômico e social, no contexto do agravamento da crise e da crescente impopularidade de Macron. Para tentar frear a luta, este representante das elites fará algumas concessões, como foi a de retroceder no aumento da taxa sobre os combustíveis, o estopim do protesto, uma medida que está longe de atender as exigências do movimento. A mobilização dos trabalhadores deve crescer, especialmente nas empresas, através de greves e manifestações nas ruas, pelo aumento dos salários e benefícios sociais.

Esse movimento vem após um período de grandes manifestações e greves que ocorreram durante anos na França, demonstrando a vitalidade da luta de classes, a combatividade do proletariado, das massas trabalhadoras, das mulheres e da juventude, ao mesmo tempo em que assinala a necessidade de que o movimento sindical, as organizações que lutam contra o neoliberalismo e as organizações revolucionárias, apropriem-se das demandas das camadas populares, vítimas das políticas neoliberais, para

TESE AO XXXIV CONGRESSO ESTADUAL DOS PETROLEIROS DO CEARÁ E PIAUÍ

impulsionar e liderar a luta contra o capitalismo, pela revolução e pelo socialismo.

A LUTA DO POVO VENEZUELANO

A agressão imperialista contra o povo da Venezuela segue seu curso de maneira acelerada. As declarações dos principais porta-vozes do imperialismo expuseram abertamente sua intenção de concretizar agressões militares em grande escala, ao mesmo tempo em que envidam esforços para impor por diversas vias uma série de medidas cujo objetivo principal é seguir deteriorando a economia do país como forma de piorar as condições de vida das massas exploradas, buscando assim causar transtornos que possam ser aproveitados de maneira tática por forças mercenárias na tomada do território e recursos energéticos, com destaque para o petróleo.

Ante este panorama há um povo que resiste e luta e não se deixa intimidar pelas ameaças expostas de diversas formas. Apesar das adversidades, considerável parte do povo venezuelano assume com determinação a luta anti imperialista, mostrando sua disposição de levar até as últimas consequências o confronto contra um poderoso inimigo que já declarou guerra.

Além da crise capitalista, das agressões externas e de erros próprios da social democracia, bem como debilidades do movimento revolucionário, está em curso um processo mais complexo e de consequências mais profundas: a decomposição do Estado Burguês.

Essa premissa implica em avaliar as consequências desde uma ótica mais ampla e estratégica levando em consideração que a crise vivida não é meramente conjuntural. Existe um processo estrutural que afeta a base do sistema, com consequências para a economia, a política e a vida cotidiana, o que evidencia a incapacidade do capitalismo, em suas diversas formas, em resolver os problemas das massas e a questão da soberania e autodeterminação dos povos.

O processo de decomposição do Estado capitalista é determinado pelas contradições que se agravam, das quais as fundamentais são:

As existentes entre os blocos imperialistas por uma nova partilha do mundo; as decorrentes da submissão dos países dependentes às potências imperialistas e a contradição entre a minoria exploradora contra a maioria explorada, expressa na luta de classes e na resistência do proletariado contra a burguesia.

Nesse cenário há o surgimento de poderes públicos paralelos com a impossibilidade de imposição de uma das partes em conflito sobre a outra. As limitações do governo venezuelano no campo econômico, ao insistir na

TESE AO XXXIV CONGRESSO ESTADUAL DOS PETROLEIROS DO CEARÁ E PIAUÍ

adoção da social democracia, acarretam sérias dificuldades em submeter os inimigos respaldados pelo intervencionismo estadunidense.

A sociedade venezuelana está diante de uma encruzilhada histórica. Ou resolve a situação com métodos revolucionários, através da liderança popular e a participação ativa das maiorias exploradas, ou entrará em cena o reacionarismo burgues, com a imposição de um governo fascista de projeto imperialista, laçao dos interesses dos EUA.

A classe trabalhadora, os camponeses e as comunas revolucionárias são a opção de uma saída exitosa. Para isso é necessário a coordenação e um programa democrático popular anti-imperialista que deve emergir como uma alternativa da esquerda diante da crise.

O Estado burguês mostra-se como um instrumento incapaz de resolver os problemas das maiorias. Toda a sociedade exige um novo Estado, com força e agilidade popular para agir contra uma agressão imperialista e um bloqueio econômico.

Organizar as forças produtivas, as camadas populares e a energia revolucionária requer um instrumento de Estado que rompa com as velhas práticas e suas estruturas e que não tema os grandes proprietários e monopólios, que seja o poder da classe operária, dos camponeses e do povo em geral.

Estado de um novo tipo, tomando como exemplo a Comuna de Paris e o Estado dos Sovietes. A Democracia Popular é a opção diante do paralelismo dos poderes públicos que demonstram a obsolescência do Estado burguês e a urgência de sua substituição para enfrentar os desafios de uma sociedade aflita e em crise com possibilidades de sucesso.

UNIDADE OPERÁRIA CONTRA O FASCISMO

Após a crise de 2008 a ofensiva contra os trabalhadores se intensifica de forma gradual e incessante em todos os campos. As contradições entre as classes no mundo se acirram devido a falta de saída dessa crise e as tentativas infrutíferas dos governos sociais-democratas de solucionarem essas contradições com concessões são cada vez mais penosas para os trabalhadores.

Os bancos e grandes monopólios intervêm de forma mais declarada para manterem seus privilégios a custa da miséria das camadas mais massivas do proletariado. E de acordo com o nível de organização e combatividade das massas trabalhadoras, essa intervenção se manifesta de forma brutal e violenta para suprimir a resistência dos trabalhadores organizados contra a retirada de direitos.

Nesse período de aprofundamento da crise econômica essa intervenção se manifesta através do fascismo. O fascismo surge como uma fase no sistema econômico-político de dominação da classe burguesa contra os

TESE AO XXXIV CONGRESSO ESTADUAL DOS PETROLEIROS DO CEARÁ E PIAUÍ

trabalhadores e aprofundam a exploração e acumulação de capital contra o desenvolvimento da organização dos trabalhadores e pela ilusão sobre a conciliação das classes no capitalismo.

Os sindicatos classistas tem um importante papel nessa conjuntura por representarem a organização de luta contra o fascismo e desmascarar qualquer tipo de ilusão com isso. Primeiro porque não é uma fase isolada em nosso país e segundo por que o reformismo fracassou em construir uma harmonia num mundo regulado pelo mercado e o capital.

Portanto o ataque aos sindicatos classistas e o aniquilamento da organização dos trabalhadores está na ordem do dia para esse governo. Somente a construção de uma unidade entre trabalhadores com a parte mais prejudicada com esses ataques poderá desmascarar o fascismo em nosso país e nos fortalecer para as lutas decisivas que em breve travaremos.

1º de abril: 55 anos do golpe militar fascista

O golpe militar de 1º de abril de 1964 foi arquitetado pelos militares de alta patente em conluio com os grandes capitalistas, subservientes aos interesses dos Estados Unidos.

Durante décadas os generais golpistas tentaram esconder a participação de Washington na derrubada de João Goulart. Entretanto documentos fornecidos pelo governo dos EUA revelam que os yankees acompanharam de perto os preparativos e auxiliaram na execução do plano que instauraria no Brasil uma ditadura sanguinária que durou 21 anos. Era necessário que o Brasil estivesse sob o controle da Casa Branca para garantir a hegemonia estadunidense na exploração dos países latinos.

À época do golpe, João Goulart prometeu medidas como o aumento do salário mínimo e a reforma agrária. Grandes empresários, ruralistas e membros das Forças Armadas extremamente descontentes com essas reformas uniram forças para rasgar a Constituição. São dessa época o mito da "ameaça comunista" e outras falácias inventadas pelos milicos, repetidas até os dias de hoje. Qualquer semelhança da tática de propaganda adotada à época com as utilizadas durante a campanha eleitoral que levou Jair Bolsonaro ao Planalto não é mera coincidência. Hoje os militares e Paulo Guedes, o laçao dos banqueiros, querem empurrar a chamada "Reforma" da Previdência goela abaixo dos mais pobres e acabar com o resto dos direitos trabalhistas que ainda resistiram ao curto governo do corrupto e também golpista Michel Temer. Para isso recorrem a uma intensa campanha de desinformação com divulgação massiva.

Generais brasileiros querem entregar a Petrobrás para estrangeiros

É cada vez maior o número dos que se convencem de que o Estado-Maior das Forças Armadas não tem nada de nacionalista. Nunca vimos ameaça

TESE AO XXXIV CONGRESSO ESTADUAL DOS PETROLEIROS DO CEARÁ E PIAUÍ

maior à Petrobrás depois que os militares passaram a ocupar ministérios e posições estratégicas à frente de Estatais, no governo do fascista Bolsonaro. Sempre é bom lembrar que militares da patente do general Villas-Bôas, extremamente ágeis em dar declarações nas redes sociais sobre temas diversos, assistiram calados a entrega do petróleo brasileiro na camada Pré-Sal, a preço de banana, nos leilões da ANP. Em diversas ocasiões o general Hamilton Mourão defendeu a entrega das refinarias da Petrobrás a empresas estrangeiras.

O plano da Lava Jato de entregar os segredos da Petrobrás a empresas estadunidenses em troca de R\$ 2,5 Bi para os comparsas de Moro recebeu total apoio dos militares. Deltan Dallagnol chegou a ser condecorado pelo Exército logo após o "acordo" ter vindo à tona.

Para executar o plano de destruição da maior estatal do país, Castelo Branco, homônimo do general golpista cearense que deu o pontapé inicial aos anos de chumbo e vergonha, foi o fantoche escolhido para ocupar a presidência da Petrobrás. Castelo Branco tem se empenhado em ameaçar os petroleiros com demissões, destruição do ACT e da liberdade sindical.

O projeto dos milicos para o País

O general Hamilton Mourão foi aplaudido por empresários durante evento recente na FIESP. Mourão reafirmou a necessidade de que o povo pague a conta da crise. Também assumiu seu compromisso com a agenda neoliberal. Ou seja, os milicos de "quatro estrelas" vão impor a pauta dos empresários e banqueiros na retirada dos direitos e destruição da previdência para os trabalhadores, enquanto entregam para os gringos a Petrobrás, Embraer, Alcântara, Eletrobrás e tudo mais que for do desejo estrangeiro.

Em visita recente aos EUA, Jair Bolsonaro envergonhou os brasileiros ao entregar nossa soberania numa bandeja a Donald Trump, com o aval dos generais.

A luta dos trabalhadores

Segundo pesquisadores do INEEP, o governo federal e a atual gestão da Petrobrás voltaram a adotar as mesmas medidas que precederam a greve dos caminhoneiros e petroleiros em 2018: redução da produção nacional de derivados; deslocamento de mercado para importadores e reajustes frequentes a curtíssimo prazo, atrelados aos preços internacionais.

Segundo o economista Rodrigo Leão, a Petrobrás volta a intensificar a subutilização da capacidade instalada de seu parque de refino. De 80,0% em julho de 2018, a estatal brasileira reduziu a utilização das suas refinarias para uma média de 73,4%, entre agosto de 2018 e janeiro de 2019. As importações, por sua vez, de 457,6 mil bep/d, na média entre maio e agosto de 2018 sobem para 514,6 mil bep/d de agosto de 2018 a janeiro de 2019.

Essa política de preços encontra agora uma conjuntura internacional que provocará uma elevação abrupta nos preços dos derivados.

TESE AO XXXIV CONGRESSO ESTADUAL DOS PETROLEIROS DO CEARÁ E PIAUÍ

No quadro das disputas mundiais uma provável aliança entre EUA e Arábia Saudita, para impor sanções ainda mais severas contra Irã e Venezuela, deve agravar ainda mais as tensões geopolíticas.

A nação persa ameaça retaliar com o fechamento do estreito de Ormuz, um canal com cerca de 33 km localizado entre o Golfo Pérsico e o Mar Árabe em águas territoriais do Irã e Omã, comprometendo a circulação de nada menos que 35% do petróleo consumido no mundo.

Toda essa situação tem provocado por parte de vários países, principalmente os compradores de óleo cru, também ameaçados de sanções econômicas, uma reação às medidas do governo Trump. Os países europeus ignoraram as ameaças à construção do gasoduto “Nord Stream 2” que conectará Rússia e Alemanha e dão continuidade ao projeto que, segundo os EUA, tornará a Europa mais dependente do governo Putin. Já se apontam outros meios de negociação que escanteiam o dólar dessas transações.

Em meio a este caos, gigantes como a Chevron já temem as retaliações contra seus ativos por parte de Maduro. Sem opções imediatas de importação para substituir o fornecimento do óleo pesado e de alta qualidade venezuelano, as refinarias estadunidenses também sentiriam o impacto dessas medidas.

Toda a complexidade de um cenário imprevisível como este só reforça o quão desqualificado e desconexo da realidade é o discurso daqueles que difundem nos diversos meios que a privatização da Petrobrás resolveria todos os problemas do aumento dos combustíveis no Brasil, além de derrubar qualquer argumentação de que o petróleo já é uma matriz energética ultrapassada e portanto sem relevância para a estratégia econômica e energética do país.

Falácias desse tipo são divulgadas diariamente através de matérias pagas e são reforçadas pelo atual presidente da Petrobrás, pelo governo Bolsonaro e os generais.

O cenário de privatização da Petrobrás ameaça os petroleiros a nível nacional e a resposta dos trabalhadores no Ceará deve ser à altura dos ataques que já se concretizam na gestão de Bolsonaro e dos generais.

Não resta nenhuma dúvida do caráter entreguista desse governo.

A política econômica sustentada por Bolsonaro, Paulo Guedes e o representante do Estado Maior das Forças Armadas, general Mourão, deve conduzir o povo nordestino à pobreza extrema dentro de um curto intervalo de tempo.

Ao longo dos últimos anos o Ceará vem sofrendo perdas com relação à participação da Petrobrás no Estado.

Da promessa de construção de uma refinaria passamos ao fechamento da Usina de Biocombustível, em 2016, e mais recentemente, em abril deste ano, recebemos a notícia da venda dos gasodutos da TAG a um consórcio franco-canadense.

TESE AO XXXIV CONGRESSO ESTADUAL DOS PETROLEIROS DO CEARÁ E PIAUÍ

Negociata semelhante foi concretizada com a venda dos gasodutos da malha sudeste. Com a transação a Petrobrás passou a “alugar” os dutos que antes pertenciam à Estatal, propiciando o retorno do valor investido, cerca de US\$ 4 bilhões, ao fundo canadense Brookfield, em apenas 18 meses.

As vendas vem sendo intensificadas após o plano de Bendine, presidente da Petrobrás à época da instalação da famigerada “Lava-Jato”, ainda na gestão de Dilma Roussef. Com o golpe de 2016, coube a Pedro Parente, indicado pelo corrupto Temer, implementar as políticas de acordo com os interesses das concorrentes. O anúncio da saída da Petrobrás do ramo de biocombustíveis e fertilizantes, já era um reflexo de interesses escusos, estimulados por grupos atuantes no setor, como a Bunge, a qual Parente havia presidido. O ex-presidente da Petrobrás foi alvo de mobilizações e denúncias da FUP e seus sindicatos, por conflito de interesses ao favorecer especuladores que tinham como objetivo o desmonte da Petrobrás.

De acordo com levantamentos feitos, as perdas com impearments de 2014 a 2016 chegam a R\$112,4 bilhões, enquanto as perdas estimadas tendo como causa a corrupção atingem os R\$ 6,6 bilhões. Os números mostram que os danos causados por gestões contrárias ao interesse da soberania nacional são muito maiores que os efeitos da corrupção.

Segue abaixo uma demonstração do que já tinha causado a tão aclamada “Lava-Jato”, antes da revelação do acordo criminoso entre procuradores do MP e órgãos do governo dos EUA para dilapidar a Petrobrás e roubar informações estratégicas:

Impacto negativo de 2,5% do PIB, em 2015 e 2016;

Redução do equivalente a 2% do PIB em investimentos da Petrobrás em 2015;

Redução do equivalente a 2,8% do PIB em investimentos das Construtoras em 2015;

Redução estimada de cerca de 5% dos investimentos em capital em 2016;

Perda de cerca de R\$ 142 bilhões nas indústrias de construção civil, metal-mecânica, engenharia pesada, naval e óleo e gás;

Perda de cerca de R\$ 6,2 bilhões somente na Petrobrás;

Queda de R\$ 5,7 bilhões na arrecadação de impostos para União, Estados e Municípios em 2015;

Royalties: redução de R\$ 35 bilhões em 2014 para menos de R\$ 20 bilhões em 2016;

Perda, direta ou indireta, de cerca de 2 milhões de postos de trabalho em 2015.

Fonte: Consultoria Tendências, Consultoria GO Associados, FIESP e FGV.

No ano de 2018, Pedro Parente, o administrador de fortunas foi derrubado à época da mobilização dos caminhoneiros. Nesse episódio teve papel

TESE AO XXXIV CONGRESSO ESTADUAL DOS PETROLEIROS DO CEARÁ E PIAUÍ

decisivo a greve dos petroleiros contra a ameaça de redução dos direitos conquistados em ACT.

No ano de 2019 nos deparamos com um desafio ainda maior. Todos os ativos da Petrobrás no Estado estão ameaçados de venda.

O ataque à liberdade sindical e a tentativa de sufocar financeiramente os sindicatos de petroleiros, demonstram que nossa categoria tem potencial de frear os ataques à Petrobrás e assumir uma posição de protagonismo à frente das mobilizações que serão organizadas. Os militares e Bolsonaro estão comprometidos em concluir o plano neoliberal, iniciado por FHC, de vender completamente a Petrobrás.

Para além das privatizações nossa luta contra a destruição da AMS e da Petros devem ser intensificadas. A batalha já está sendo travada no campo jurídico, mas nossa verdadeira força está nas mobilizações e nas greves.

Em unidade com as outras categorias ameaçadas é possível conseguir a vitória contra os interesses do capital financeiro.